



Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais

Anne Carolina Ramos¹

¹Université du Luxembourg (UNI.LU) – Luxemburgo

RESUMO – Os Avós na Literatura Infantil: perspectivas gerontológicas e educacionais. O presente artigo analisa representações de avós na literatura infantil brasileira. Entendendo a literatura infantil como uma *pedagogia cultural*, discute os contextos e as imagens de velhice e avosidade que têm sido difundidas pelos livros infantis, assim como as articulações entre identidades de gênero e de geração. Ao enlaçar os campos da Gerontologia e da Pedagogia, busca compreender quais verdades e saberes têm sido ensinados às crianças sobre velhice, avosidade e relações intergeracionais, trazendo reflexões para os estudos do envelhecimento e da educação.

Palavras-chave: **Avós. Netos. Literatura Infantil. Envelhecimento. Educação.**

ABSTRACT – The Grandparents in Children’s Literature: gerontological and educational perspectives. This article examines representations of grandparents in Brazilian children’s literature. Understanding children’s literature as a *cultural pedagogy*, it discusses the contexts and images of old age and grandparenthood that have been disseminated by children’s books, as well as the links between identities of gender and of generation. Enlacing the fields of Gerontology and Pedagogy, it seeks to understand the truths and the knowledge that have been taught to children about old age, grandparenthood and intergenerational relations, bringing reflections to the studies of ageing and education.

Keywords: **Grandparents. Grandchildren. Children’s Literature. Ageing. Education.**

Introdução

A relação entre avós e netos, no que tange à duração e articulação no tempo, é uma experiência contemporânea. Até pouco tempo, a expectativa média de vida não permitia que muitos avós vissem os seus netos nascer e crescer. No início do século XX, tal índice era de apenas 33,7 anos (Freitas, 2004), o que limitava consideravelmente o convívio entre três gerações. O mesmo acontecia nos Estados Unidos. Naquela mesma época, apenas 4% dos norte-americanos com idade superior a 50 anos tinham a chance de ter o pai ou a mãe vivos. Hoje, esse percentual subiu para 25%, criando um número expressivo de famílias multigeracionais (Hooymann; Kiyak, 2001). Essa realidade também está ganhando corpo no cenário brasileiro. Em apenas cem anos, a nossa expectativa de vida dobrou, passando, segundo dados do último censo, para 73,4 anos (IBGE, 2010). Na Europa, esse quadro não é diferente. Dados da pesquisa SHARE (*Survey of Health Ageing and Retirement*) mostram que, dentre os países pesquisados, a maior parte das pessoas com idade entre 50 e 59 anos tem ao menos um dos pais vivos, e que entre 40% e 50% dos idosos com mais de 80 anos fazem parte de famílias com quatro gerações coexistindo (Saraceno, 2007).

A maior longevidade tem modificado de forma importante as configurações familiares e os laços entre as gerações. Hoje, os avós não apenas têm a possibilidade de ver seus netos nascerem e crescerem, mas também tornarem-se adultos e, muitas vezes, pais. Ao longo desse período estendido de coexistência, os avós podem assumir diferentes significados na vida dos netos, mudando o tipo de interação estabelecida, assim como a própria intensidade do contato, quando estes são crianças, adolescentes ou adultos. A fase da avosidade dura o tempo de todo um ciclo familiar, sendo redesenhada durante esses diferentes momentos e constelações.

Todavia, é na infância que os laços entre essas duas gerações tendem a ser mais intensos, período em que os avós cuidam com mais frequência dos netos, passando juntos os finais de semana ou parte das férias escolares. Além disso, muitos avós também oferecem ajuda no cuidado das crianças, ocupando um papel indispensável nas redes de suporte familiar (Ramos, 2011). Dados da pesquisa *Idosos no Brasil*, realizada pela Fundação Perseu Abramo em parceria com o SESC/SP, apontam que 50% das mulheres entrevistadas cuidavam de seus netos regularmente e 20% afirmavam inclusive criá-los (Alves, 2007).

A maior expectativa de vida, a presença mais duradoura dos avós e bisavós no convívio familiar, a coexistência de múltiplas gerações e os novos papéis assumidos pelos idosos na família e na sociedade fizeram com que o tema do envelhecimento entrasse na agenda de diferentes campos: como na *política*, com a implementação de leis assistenciais; na *economia*, com a descoberta do idoso consumidor e de uma série de produtos destinados à chamada *terceira idade*; na *saúde*, com a busca por melhor qualidade de vida na velhice; e na *educação*, com o advento

da Gerontologia Educacional e dos novos processos de formação direcionados aos que trabalham com idosos, para o público mais velho ou para a formação da população em geral sobre o processo de envelhecimento (Peterson, 1976). E é justamente a partir de reflexões articuladas a esse último ponto que surge a proposta deste artigo. Partindo do pressuposto de que a literatura é uma *pedagogia cultural* (Giroux; McLaren, 1995), ou seja, um espaço de (re)produção de conhecimentos, saberes e verdades, pergunto-me: que representações de velhice e avosidade têm sido (re)produzidas nos livros de literatura direcionados às crianças? Em quais contextos os avós aparecem? Como o gênero se articula à identidade de geração nessas representações? O que esses livros têm ensinado a meninos e meninas?

A literatura infantil, assim como a educação, não está dissociada das preocupações e dos acontecimentos do seu tempo (Silveira, 2003), fazendo emergir uma quantidade expressiva de livros que abordem temáticas contemporâneas, tais como a velhice e o convívio entre gerações. Um exemplo que ilustra esse fato é o aparecimento recente no mercado editorial de livros destinados a [1] crianças que têm avós com Alzheimer, como *Minha avó tem Alzheimer* (2006) e *Vovó tem Alzha... o quê?* (2007), [2] crianças que têm avós com Doença de Parkinson, como em *Vovô agora é cavaleiro* (2009), ou [3] crianças cujos avós sofreram acidente vascular cerebral, como em *Vovô teve um AVC* (2009).

O primeiro faz parte da coleção *Igualdade na Diferença*, que já no catálogo informa ao leitor que trata dos seguintes temas: “amor, doenças, família, pessoas com necessidades especiais, sociedade” (Scipione, 2013). Na sinopse do livro, a informação: “A avó de Paula sofre do Mal de Alzheimer, *doença que afeta 80% dos idosos*. Mas o que é essa doença? [...] Uma história sensível, que fala da importância da família, do respeito, da compreensão e da solidariedade” (Scipione, 2013). Tal descrição mostra, já na primeira linha, uma preocupação das autoras em abordar um tema da atualidade: com a maior longevidade, muitos idosos têm sido acometidos por esta doença e agora a família, incluindo as crianças, precisam aprender a conviver com a *diferença* e os desdobramentos que ela acarreta. Na contracapa do livro está escrito “A avó de Paula não é como a maioria das outras avós, pois está doente” (Mueller, 2006, contracapa).

Já o segundo livro traz, como elenco de temas abordados na obra, “[...] a amizade, o amor, a convivência com idosos, o Mal de Alzheimer, o respeito e a tolerância” (FTD, 2013), o que também é referido de forma similar no terceiro (Scipione, 2013) e no quarto livro (Artmed, 2013). Nas quatro obras, podemos observar, além de uma *adequação* aos temas da atualidade, uma intenção pedagógica de ajudar as crianças a compreenderem o que acontece com seus avós e a conviverem melhor com a *diferença* por meio de ações que evidenciem o respeito e a tolerância. Nas sinopses de *Vovô teve um AVC* (2009) e *O avô de Margareth* (1990), podemos observar claramente essa intencionalidade:

Vovô teve um AVC é um livro para as famílias com filhos pequenos, oferece informações adequadas e aborda os variados sentimentos das crianças, ajudando-as a manter os vínculos com os mais velhos. Ao final do livro, há uma nota explicativa que orienta os pais a lidarem com a situação (Artmed, 2013, [*Vovô teve um AVC*], catálogo).

O velho, que no Brasil costuma ser um peso para as famílias, é aqui o herói de uma história rica em humanismo. [...] Uma obra definitiva, que precisa estar nas mãos dos jovens, para que eles possam compreender melhor o irreversível momento da velhice (Dias, 1990, [*O avô de Margareth*], orelha do livro).

Esse intuito de ensinar, de passar uma aprendizagem significativa para o leitor, é bastante recorrente nos livros infantis (Kaercher; Dalla Zen, 2009). Todavia, mesmo quando o livro não tem essa intencionalidade explícita, ainda assim ele se faz educativo e didático, pois produz saberes e verdades que vinculam seus personagens a determinadas formas de ser, de se relacionar e de estar no mundo. Como nos lembram Giroux e McLaren (1995), a pedagogia não diz respeito apenas aos modos e às práticas educacionais escolares, estando presente em qualquer lugar em que o conhecimento seja produzido, “[...] em qualquer lugar em que exista a possibilidade de traduzir a experiência e construir verdades, mesmo que essas verdades pareçam irremediavelmente redundantes, superficiais e próximas ao lugar-comum” (Giroux; McLaren, 1995, p. 144). Nesse sentido, o livro infantil possui um *estatuto pedagógico* (Fischer, 1997) que, ao colocar em circulação determinados discursos, amplia o efeito dos mesmos e, ao repeti-los constantemente, naturaliza-os como desejáveis e verdadeiros. Mas, que representações seriam essas?

Avós e Netos na Literatura Infantil

Buscando obras que abordam a relação entre avós e netos na literatura infantil, realizei um levantamento nos catálogos *on-line* de algumas das principais editoras do Brasil¹. Tal mapeamento não busca, de forma alguma, apresentar a totalidade de obras existentes, mas acredito que possa nos ajudar a visualizar o que vem sendo produzido nos últimos anos sobre essa temática. Observei os catálogos de 27 editoras, tendo encontrado 104 obras cujos títulos trazem as palavras *vô*, *vó*, *avô*, *avó*, *vovô* ou *vovó*, critério que utilizei para melhor delimitar meu campo de análise.

Neste rol não entraram, portanto, obras que falam da velhice em geral, ou seja, que trazem em suas narrativas personagens idosos, mas que não são necessariamente avós, tais como *A velhinha maluquete* (1998), de Ana Maria Machado, *Cota, Maricota e Cotinha: as três velhinhas* (2006), de Silvana de Menezes, ou *Araújo e Ophélia* (2006), de Ricardo Azevedo, por não ser este o foco da pesquisa. Também acabei dei-

xando de lado livros que não possuem no título as palavras delimitadas, tais como *Menina Nina* (2005) e *O menino e seu amigo* (2005), de Ziraldo, embora abordem a relação das crianças com seus avós. Fiz essa opção para melhor delimitar minha busca, uma vez que, nesses casos, os títulos não seriam indicativos precisos do conteúdo temático das obras. Na tabela abaixo, apresento as editoras mapeadas e a quantidade de obras encontradas em cada uma:

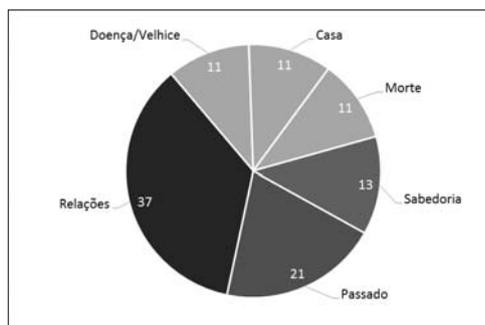
Tabela 1 – Editoras & Obras

Editoras	Obras	Editoras	Obras	Editoras	Obras
1. Artmed	1	10. Editora do Brasil	2	19. Nova Fronteira	1
2. Ática	7	11. Elementar	1	20. Panda Books	12
3. Biruta	1	12. FTD	7	21. Paulinas	8
4. Callis	6	13. Galerinha Record	2	22. Paulus	6
5. Ciranda Cultural	8	14. Globo	3	23. Quinteto Editorial	2
6. Comp. das Letrinhas	5	15. Lê	4	24. Saraiva	4
7. Cortez	4	16. Melhoramentos	3	25. Scipione	5
8. Cosac Naify	2	17. Moderna	1	26. SM	5
9. Dimensão	1	18. Nacional	2	27. Verbo Infantil	1
				Total	104

Fonte: elaborada pela autora, 2014.

Das 104 obras localizadas, 49 focam o contato com o avô, 47 com a avó, e oito com ambos. Alguns livros eram bastante recentes, enquanto outros já eram conhecidos das estantes de literatura infantil, tendo sido lançados ainda na década de 1970. As temáticas abordadas variam de brincadeiras e relações cotidianas entre avós e netos, passando pela sabedoria e histórias do passado contadas pelos mais velhos, assim como situações de doença, velhice e morte dos avós. No gráfico abaixo, é possível observar, quantitativamente, as temáticas mais recorrentes²:

Gráfico 1 – Temática dos Livros Selecionados



Fonte: elaborado pela autora, 2014.

Os Livros Analisados

Tendo realizado este levantamento inicial, fiz a seleção das obras que analiso neste artigo. O critério de escolha foi bastante simples e aleatório: reuni títulos que já possuía e outros adquiridos ou doados para análise pelas editoras enumeradas. Ao todo, trabalhei com 24 livros.

Tabela 2 – Obras Selecionadas para a Análise com Data da Primeira Edição³

1	A casa do meu avô (Ed. Ática, 1998)	9	Meu avô, um escriba (Ed. Ática, 1994)	17	Quando vovó perdeu a memória (Ed. SM, 2007)
2	Anita de férias com os avós (Ed. Verbo Infantil, 1995)	10	Minha avó tem Alzheimer (Ed. Scipione, 2006)	18	Tuca, vovó e Guto (Ed. Ática, 1978)
3	Avós (Callis, 2003)	11	Molecagens do vovó (Ed. Ática, 1995)	19	Tem um avô no meu quintal (Ed. Quinteto Editorial, 2000)
4	Avós e avós (Ed. Cortez, 2005)	12	O aniversário da vovó (Ed. Ática, 1997)	20	Um avô e seu neto (Ed. Moderna, 2000)
5	Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vó Tetra (Ed. Quinteto Editorial, 2005)	13	O avô mágico (Ed. Scipione, 1993)	21	Visitas à casa da vovó (Ed. Paulus, 2006)
6	Carta errante, avó atrapalhada e menina aniversariante (Ed. FTD, 1994)	14	O menino que levou o mar para o avô (Ed. Cortez, 2007)	22	Vovô e o gênio (Ed. Scipione, 2002)
7	Meu avô e eu (Ed. FTD, 2000)	15	O menino, seu avô e a árvore da vida (Ed. Paulus, 1998)	23	Vovô Guilherme e os pássaros (Ed. Paulus, 1993)
8	Meu avô é um problema (Ed. Companhia das Letrinhas, 1996)	16	Por que vovó morreu? (Ed. Ática, 1988)	24	Vovó Luci no tempo dos nossos avós (Ed. Scipione, 2001)

Fonte: elaborada pela autora, 2014.

Os livros são endereçados a leitores em diferentes níveis de formação. As obras 8, 13, 18 e 21 são destinadas a crianças iniciantes na leitura, na medida em que apresentam pouquíssimo texto e um amplo número de ilustrações. Já as obras 5, 6, 7, 14 e 19 apresentam um texto mais denso, exigindo do leitor maior competência letrada. São livros dotados de pouca imagem e de um enredo complexo, muitas vezes subdividido em pequenos capítulos. A maior parte das obras (1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 12, 15, 16, 17, 20, 22, 23 e 24), entretanto, apresenta um certo equilíbrio entre texto e imagem, sendo destinada a crianças com um médio padrão de leitura.

Analisando as Obras: os avós, espaços e contextos

Cada vez que uma criança nasce, nasce ou renasce também um avô. O nascimento de uma criança impele a todos na escala genealógica, atribuindo aos avós essa nova posição familiar. E apesar de os avós serem designados por uma mesma nomenclatura, nem todos são interpelados por este acontecimento na mesma época ou da mesma forma. Uma pessoa pode tornar-se avó aos 30, 50 ou 70 anos, com ou sem companheiro, morando próximo ou distante de seus netos, em melhores ou piores condições de saúde, estando aposentado ou em pleno exercício profissional e cuidando, ou não, de seus netos regularmente. Essas variáveis influenciam de modo importante o modo como avós e netos convivem e se relacionam.

Nas histórias analisadas, os avós são quase sempre retratados em uma idade mais avançada. Os livros praticamente não fazem referência à idade cronológica – apenas em *Vovô e o gênio*, no qual o casal de idosos tinha 70 e 72 anos, e em *Meu avô e eu* e *Quando vovó perdeu a memória*, nos quais ambos os avós aparecem com 81 anos –, mas esta é percebida tanto pela aparência (cabelos grisalhos ou completamente brancos, pele enrugada, pálpebras caídas, uso de óculos, dentaduras e bengalas) quanto por outros marcadores etários, tais como a aposentadoria. Apenas um avô aparece desenvolvendo alguma atividade aparentemente remunerada: é o avô de Tuta, que é um escriba egípcio (*Meu avô é um escriba*). Depois dele, temos o personagem de *Meu avô é um problema*, que surge participando de uma exposição da *Feira Verde*, sobre a qual não é possível identificar nem a periodicidade, tampouco as características.

Talvez seja por isso que quase todos os avós sejam retratados em espaços domésticos: na sua casa, na casa dos netos ou na casa em que ambos coabitam. A habitação é um aspecto interessante nessas obras. Se muitos avós são retratados morando sozinhos em suas casas, sejam eles casados ou viúvos, um grupo expressivo é retratado em situação de coabitação com a família⁴. Nesses casos, nem sempre fica claro quem foi morar com quem, mas os arranjos domiciliares são bastante múltiplos: idoso/a que mora com o/a filho/a e o/a neto/a, idoso/a que mora com o/a filho/a, o/a genro/nora e o/a neto/a e idoso/a que vive com o/a neto/a, aparentemente sem a geração do meio. Se, por um lado, os membros

da família podem se sentir amparados ao receberem suporte material e afetivo de seus parentes, por outro, essa situação pode ser geradora de discórdias, principalmente em domicílios pequenos, que não abrigam harmoniosamente um número maior de indivíduos, ou no embate cotidiano entre os diferentes estilos de vida.

Em *Molecagens do Vovô*, por exemplo, o avô de Rafael vai morar com ele e passa a ocupar o sofá da sala como dormitório. Ele e Ernesto, seu genro, têm um relacionamento bastante conturbado. Uma noite o avô resolveu pescar caranguejos com o neto e, ao retornarem para casa, levaram “a maior bronca” do genro, que encontrou dezenas desses bichos espalhados pela cozinha. Nesta situação, Ernesto discute com a esposa, dizendo: “A gente tinha que *internar esse velho em um asilo*” (Trigo, 2004, p. 13). Com a confusão que se criou, o avô resolve ir embora e, na calada da noite, vai à cama do neto e lhe explica:

– Eu vim aqui só pra me despedir. – Com a mão tapando carinhosamente a boca do neto, continuou: – *Aqui não tem mais lugar pra mim. Eu tô cheio de ficar recebendo bronca*, afinal não sou mais nenhuma criança (Trigo, 2004, p. 15⁵ [*Molecagens do vovô*]).

No dia seguinte, todos começaram a chorar quando perceberam que o idoso havia desaparecido. Ernesto aparece na sala e questiona:

– Que palhaçada é essa? Todo mundo chorando por causa de um *velho gagá!* [...]

– *Eu não tenho obrigação de sustentar velho feito!* (Trigo, 2004, p. 17 e 19 [*Molecagens do vovô*])

A posição de Ernesto na história, de que não deveria sustentar “velho feito”, também é encontrada em *O menino, seu avô e a árvore da vida*, na qual o rei expulsa os idosos das cidades por serem improdutivos e representarem um fardo econômico para a monarquia. O enredo da história e os motivos que impulsionam o rei a tomar tal decisão lembram os costumes de algumas civilizações descritas por Simone de Beauvoir em *A velhice* (1990). Ela nos mostra que, para alguns grupos, o *drama da idade* se produzia principalmente no plano econômico, no fato do velho não poder mais trabalhar e ter se tornado uma *boca inútil*. Na história, parece acontecer algo muito parecido:

Alguns dias depois, o rei daquele lugar *decretou que todos os idosos, por serem improdutivos, deveriam desaparecer de seu reino dentro de uma semana*. Quem desobedecesse à ordem seria morto. Foi assim que os velhinhos começaram a desaparecer. Os que tinham recursos mudaram-se para outro lugar, longe do poder do malvado rei; outros morreram de tristeza ou abandonados; outros ainda foram mortos pelo decreto impiedoso do rei. *Não ficou sequer um velhinho naquela região* (Bortolini, 2008, p. 7 [*O menino, seu avô e a árvore da vida*]).

Essa obra é contextualizada em uma época de reis e rainhas, na qual os idosos não tinham direitos a benefícios e acabavam se tornando, em comunidades que não valorizavam suas trajetórias e saberes, apenas *sujeitos a mais*, para serem alimentados e cuidados pela família. Poderíamos pensar nessa questão nos dias atuais. Seria o idoso um peso econômico para a família, como retrata Ernesto em *Molecagens do vovô*?

Sabemos que muitos idosos precisam do apoio das gerações mais novas, principalmente quando possuem aposentadorias ou pensões insuficientes, ou vivem em situações de dependência: em 2000, 13,5% dos idosos brasileiros não eram capazes de lidar com as atividades do cotidiano, tais como comer, andar ou ir ao banheiro sozinhos, totalizando dois milhões de idosos em situação de vulnerabilidade (Camarano, 2006a). Entretanto, mesmo em situação de dependência física, os filhos parecem ser os maiores dependentes de seus pais idosos. Em 2003, nas famílias brasileiras que continham idosos, estes contribuíam com cerca de 70% da renda familiar: 73,8% quando o chefe era homem e 66,4% quando era mulher (Camarano, 2006b). Algo semelhante foi apontado pela pesquisa *Idosos no Brasil*: neste estudo, evidenciou-se que sete em cada dez idosos são chefes de família e que 2/3 dos 5.561 municípios do País têm a economia sustentada pelos mais velhos (Martins, 2007). Tal situação aponta para uma mudança no *papel tradicional* do idoso, que passa de *dependente* para *provedor* de boa parte do orçamento familiar, e ressalta a importância das aposentadorias e pensões, que não têm sustentado apenas os idosos, mas também seus filhos e netos.

Do Quintal à Cozinha: idade e gênero nas histórias infantis

A aposentadoria, mesmo que não esteja associada diretamente à idade ou ao afastamento da atividade laboral, é um dos marcadores sociais mais importantes da velhice, sendo entendida como a sua *porta de entrada* (Pacheco; Carlos, 2006). Por isso, a ideia de que os idosos têm mais tempo livre e de que o primeiro lugar a ser explorado nesta nova fase é o espaço doméstico – a própria etimologia da palavra está relacionada ao guardar-se no aposento, ao retirar-se (*retired* em inglês e *retraité* em francês) da vida funcional (Carlos; Jacques; Larratía; Herédia, 1999) – povoa as histórias infantis.

Mas mulheres e homens idosos não ocupam os mesmos lugares dentro da rotina doméstica e familiar. Mesmo que ambos sejam aposentados e estejam durante todo o dia em casa, as atividades que os competem são bastante segmentadas quanto ao gênero. Os homens são representados em contextos mais naturais e voltados ao exterior: eles cuidam da horta, das plantas, do jardim e dos animais⁶.

Todo o dia, bem cedinho, o *velhinho se dirigia ao bosque* que se localizava nas cercanias da cidade (Sartori, 2008, p. 4 [*Vovô Guilherme e os pássaros*]).

Conferiu as 'suas' roseiras. Primeiro deu atenção às rosas vermelhas, depois, de igual maneira, às amarelas. Olhou com carinho suas begônias. Passou bom tempo espiando o estado das roseiras, os botões por entreabrir e se entristeceu com as margaridas meio murchas (Guimarães, 2000, p. 20 [Meu avô e eu]).

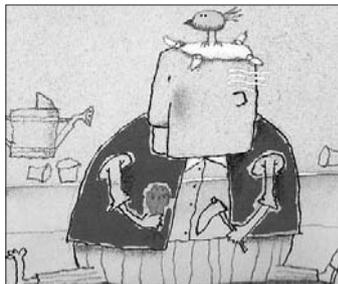
O jardim era o xodó do seu avô, que, mesmo de bengala e com muita dificuldade para andar, cuidava dele com muito amor (Miranda, 2007, p. 6 [O menino que levou o mar para o avô]).

Figura 1 – Anita de férias com os avós: na imagem vemos as plantas e os instrumentos de cultivo de seu avô



Fonte: Delahaye; Marlier, 2005, p. 8.

Figura 2 – Avós: o avô cultivando a sua horta com a pá e o regador



Fonte: Heras, 2003, p. 3 – Ilustração de Rosa Osuna.

Figura 3 – Meu avô é um problema: o avô cultivando grandes hortaliças



Fonte: Cole, 2005, p. 3.

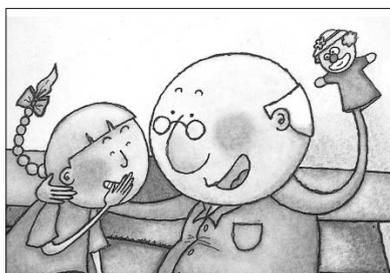
São eles que também desempenham as atividades mais recreativas e divertidas com as crianças: brincam de cavalinho, passeiam no parque, vão ao cinema, jogam futebol de botão, saem para pescar à noite, sendo companheiros de grandes aventuras, aspecto que também pode ser encontrado em relatos de crianças sobre os papéis de gênero de seus avós (Ramos, 2011).

Figura 4 – *Tem um avô no meu quintal*: avô e neto jogando futebol de botão



Fonte: Martinelli, 2000, p. 39 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

Figura 5 – *Vovô e o gênio*: avô e neta em um momento de diversão



Fonte: Alvim, 2002, p. 3 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

Figura 6 – *Avôs e Avós*: o “avô moleque”, que se deitava no chão e fazia parte do batalhão de soldados do neto



Fonte: Albissú, 2005, p. 7 – Ilustração de Andréa Vilela e Mirella Spinelli.

Já as avós aparecem desenvolvendo atividades mais relacionadas à manutenção e ao cuidado do lar. Elas lavam e passam a roupa, limpam a casa, varrem a calçada, vão ao supermercado fazer as compras da semana, cozinham e preparam os bolos, os pães e os biscoitos que habitam o imaginário do netos:

Vocês não vão tomar café? *Tem pão quentinho, acabei de assar...* [avó falando com o neto e o seu amiguinho] (Martinelli, 2000, p. 10 [*Tem um avô no meu quintal*]).

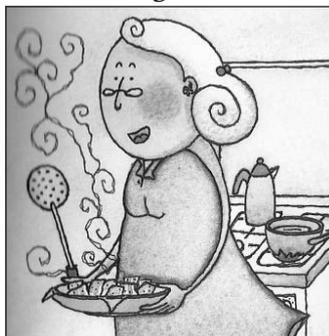
Era ela [a avó] *quem fazia bolos, biscoitos e doces*, e guardava em fôrmas, latas e vidros, por onde minha infância passava (Albissú, 2005, p. 25 [*Avós e Avós*]).

Figura 7 – Anita de férias com os avós: a avó estendendo a roupa limpa



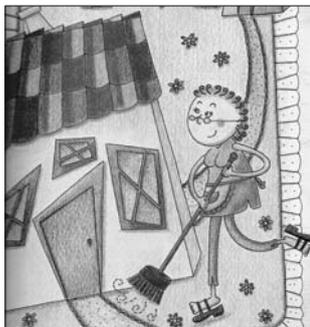
Fonte: Delahaye; Marlier, 2005, p. 18.

Figura 8 – Vovô e o gênio: a avó na cozinha



Fonte: Alvim, 2002, p. 13 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

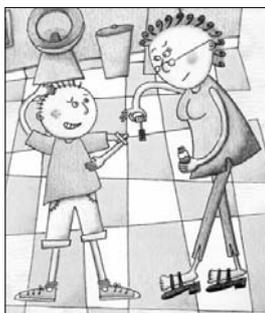
Figura 9 – *Tem um avô no meu quintal*: a avó limpando a casa



Fonte: Martinelli, 2000, p. 7 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

Além disso, as atividades que rodeiam o mundo feminino tendem a ser mais vinculadas à maternagem e ao cuidado, como se estas fossem características naturais das mulheres. Elas fazem tricô, costuram, contam histórias para os netos antes que eles durmam, cuidam de suas atividades escolares, dos ferimentos e da hora do banho. As imagens (re)produzem, assim, não apenas um ideal de avó, mas um ideal de mulher, que é atenciosa, compreensiva, amável e acolhedora.

Figura 10 – *Tem um avô no meu quintal*: a avó cuidando do curativo do neto



Fonte: Martinelli, 2000, p. 15 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

Figura 11 – *Vovó Luci*: a avó contando uma história para o neto dormir



Fonte: Clément, 2001, p. 7 – Ilustração de Gwen Keraval.

Figura 12 – *Anita de férias com os avós*: a avó dando um banho na neta

Fonte: Delahaye; Marlier, 2005, p. 19.

Apesar de experimentarmos, nos últimos anos, um ligeiro aumento na participação dos homens no cuidado das crianças e na manutenção do lar, o trabalho doméstico ainda continua a ser atribuído e desempenhado majoritariamente pelas mulheres. São elas que dedicam, mesmo quando empregadas, maior tempo para essas tarefas. Saraceno e Naldini (2003) apontam que, nos anos 1990, as mulheres italianas que trabalhavam, com idade entre 25 e 35 anos, dedicavam uma média de 4 horas diárias para o trabalho doméstico, enquanto os homens, em mesma condição, dedicavam apenas 48 minutos. Situação análoga encontra-se em Portugal – 1h54min para os homens e 5 horas para as mulheres – ou no Brasil, que possui uma média de 10 horas semanais para homens e 25 para mulheres (Araújo, 2008). A participação masculina nas atividades domésticas é mais relevante naqueles com maior escolarização e tende a aumentar com a aposentadoria, quando passa de 10 para 13 horas semanais. Todavia, as mulheres com mais de 60 anos continuam dedicando, em média, 28,7 horas semanais para essas atividades, passando a 31 horas para aquelas entre os 50 e os 59 anos (IBGE, 2007), aspecto fortemente destacado nas obras analisadas.

O Corpo Velho e suas Metamorfoses

Os avós também possuem um corpo que carrega marcas importantes do transcorrer do tempo. São tonalidades, formas e texturas que se modelam e modificam ao longo de suas trajetórias, dando visibilidade aos anos vividos. E é porque crescemos e envelhecemos, porque nos *metamorfoseamos* (Beauvoir, 1990), que somos seccionados em fases etárias previamente estabelecidas: infância, juventude, idade adulta e velhice. Ser velho significa pertencer a um mundo socialmente construído, arbitrário, no qual existe uma vasta gama de acordos e regras que interpelam os sujeitos a ocuparem determinadas posições dentro dos espaços sociais. “Viver a idade acarreta, assim, a preocupação de nossa normalidade ou do desvio com relação a ela”, aponta Lloret (1998, p. 16).

Nas histórias infantis analisadas, a velhice muitas vezes aparece em forte relação de oposição com a juventude, sendo perceptível uma (de)marcação de fronteiras entre essas duas fases da vida. No livro *Avós*, Seu Manuel fica muito contente ao descobrir que vai ter um baile na praça da cidade onde ele e sua esposa Manuela moram. Ele então a convida para ir ao baile, para dançar:

- Ouviu, Manuela? Esta noite teremos baile!
- Claro que ouvi Manuel. Mas eu não vou. *Já não sou uma menininha para andar de festa em festa* (Heras, 2003, p. 4-5 [Avós]).

E ele pensa no ciclo de vida de sua esposa, que de alegre e feliz, foi se tornando, com a chegada da velhice, cada vez mais reclusa e estática:

Figura 13 – Avós: as mudanças vividas pela avó, da infância à velhice

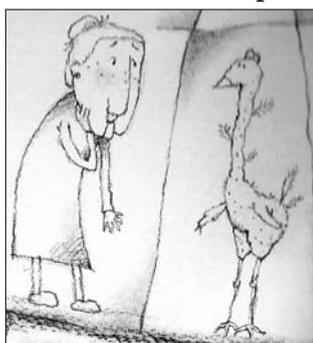


Fonte: Heras, 2003, p. 6-7 – Ilustração de Rosa Osuna.

Ele tenta convencê-la a ir ao baile:

- Mas você é bonita, Manuela! É tão bela como o sol!
- A avó sorriu e foi olhar-se no espelho.
- *Isso não é verdade. Eu sou feia como uma galinha sem penas* (Heras, 2003, p. 9-10 [Avós]).

Figura 14 – Avós: a avó olhando-se no espelho antes de ir ao baile



Fonte: Heras, 2003, p. 11 – Ilustração de Rosa Osuna.

Ela se olha no espelho e tem um certo estranhamento com a imagem que vê refletida: um corpo envelhecido, dotado de novas características que, para ela, estão longe de ser positivas. Seu olhar mostra um constante exercício de comparação daquilo que se era, para aquilo que se é, ato intrinsecamente arraigado àquilo que ela aprendeu como sen-

do bonito e desejável. A avó, mesmo contrariada ou pouco convencida, começa a se arrumar para a festa e, a cada ato, descreve os motivos que a impulsionam a fazer aquilo:

- Vou pintar meus olhos, *que são tristes* como uma noite sem lua [...].
- Vou pintar meus cílios, *que os tenho curtos* como as patas de uma mosca [...].
- Vou passar creme na minha pele, *que é enrugada* como um figo seco [...].
- Vou dar um brilho aos meus lábios, *que os tenho secos* como a terra das estradas [...].
- Vou tingir meu cabelo, *que os tenho cinza* como uma nuvem de outono [...].
- Vou esconder estas pernas, *que as tenho fininhas* como agulhas de tricotar (Heras, 2003, p. 13-23 [Avós]).

Em *Meu avô e eu*, Seu Joaquim também se olha estupefato no espelho do banheiro e exclama frente à imagem que vê refletida: “Olha o que a idade não faz!” (Guimarães, 2000, p. 12).

O corpo velho, além de ser muitas vezes descrito como feio e disforme, também parece sofrer alguns interditos com o advento da idade. Em *Visitas à casa da vovó*, o neto fica surpreso ao ver que sua avó estava usando uma roupa diferente, mais justa e decotada, e que se mostrava apaixonada por outro idoso, como se isso não pudesse fazer parte do seu cotidiano:

- Fui à casa da vovó pra ver como ela estava. *Para minha surpresa, a vovó só namorava.* [...]
- Fui à casa da vovó. *Ela estava bem mudada. Vestia uma saia curta e uma blusa decotada* (José, 2006, p. 6 e 11 [Visitas à casa da vovó]).

Em *Tem um avô no meu quintal* acontece algo similar. O neto, apesar de se tornar um grande amigo do novo parceiro de sua avó, fica chateado com o fato de ela se casar de novo. Existe uma mescla de sentimentos em jogo. Se, por um lado, o neto rejeita o casamento da avó por ciúme, por outro existe um controle em relação a esta avó – controle, porém, sem sucesso, visto que ela acaba se casando. O livro termina por discutir certas *regras culturais* impostas à velhice:

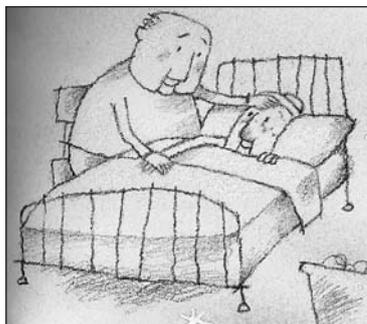
- [...] às vezes eu ia lá e não tinha ninguém em casa. *Eu pensando que ela estava na feira e ela estava namorando! Rá!* [Narrativa do neto] (Martinelli, 2000, p. 22 [Tem um avô no meu quintal]).

[O neto conversando com a mãe]:

- E o que a senhora acha dessa história de casamento?
- Sei lá, filho! A vida não é dela? Então?...
- Bela resposta pra uma filha!
- E o que você quer que eu faça, *que amarre a sua avó numa cadeira pra ela não casar?* (Martinelli, 2000, p. 24 [Tem um avô no meu quintal]).

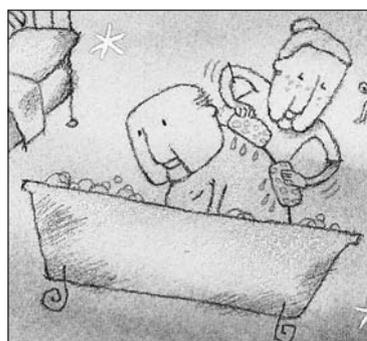
Além do questionamento proposto pelas histórias acima citadas, apenas duas histórias, *Avós* e *Meu avô e o gênio*, retratam uma relação de afetividade mais direta entre casais de idosos. Eles se abraçam, trocam afetos e parecem felizes com o companheiro, que aparentemente é de longa data. Acredito que o fato de poucas histórias trazerem esse tipo de cena reflita o lugar em que posicionamos o velho dentro do tecido social: casamento, sexualidade e velhice parecem não combinar. Alguma coisa fica *fora do tom* quando a avó usa uma blusa decotada, está arrumada de forma exuberante, resolve sair para dançar e se divertir, namorar ou casar. Imaginar um idoso tocando e beijando outro provoca uma certa instabilidade que não acontece quando se fala em sexo e amor na juventude. Enquanto o jovem é belo, propício e legitimado para isso, o velho parece ter-se tornado (ou precisar tornar-se) assexuado com o passar do tempo (Butler; Lewis, 1985; Ramos, 2009). Em *Meu avô e eu*, uma situação de flerte – não concretizada – entre os moradores do lar de idosos elucida algumas restrições vividas na velhice: “dentadura solta”, diz Joaquim ao ouvir o barulho que Binoca fazia com a boca. “Isso afasta qualquer interesse por ela” (Guimarães, 2000, p. 14), conclui o personagem.

Figura 15 – Avós: imagens que evidenciam relações afetivas entre casais de idosos



Fonte: Heras, 2003, p. 31 – Ilustração de Rosa Osuna.

Figura 16 – Avós: imagens que evidenciam relações afetivas entre casais de idosos



Fonte: Heras, 2003, p. 31 – Ilustração de Rosa Osuna.

Figura 17 – Vovô e o gênio: imagens que evidenciam relações afetivas entre casais de idosos



Fonte: Alvim, 2002, p. 17 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

As *perdas físicas* advindas com a idade são abordadas de modo bastante enfático em *Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra*. Nessa história, que se passa no *Tropical País dos Bruxos*, Bruxabela, que era uma menina gorda, e Bruxofred, que era um menino muito magro, saem viajando em suas vassouras mágicas para aprenderem, com o avô Tetra, a se alimentar de forma mais equilibrada. Durante esse passeio, as crianças ficam admiradas ao verem bruxos velhos em perfeito condicionamento físico:

Os bruxos *não são todos feios e decrepitos*. Nada disso: por lá existem bruxos de mais de 900 anos, *inteiraços* (Maria, 2005, p. 10 [*Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra*]).

Vô Tetra, *apesar da idade avançada*, teve oportunidade para mostrar *como estava fisicamente bem*, pois participou de pescarias e caçadas *sem fazer feio, sem ficar exausto, sem perder o pique* (Maria, 2005, p. 44 [*Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra*]).

Figura 18 – *Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra*: imagem do avô Tetra



Fonte: Maria, 2005, p. 17 – Ilustração de Rogério Borges.

Na imagem acima, podemos ver o Vô Tetra com roupa de ginástica, extremamente disposto e ativo, parecendo ter *vestido a camiseta do modo terceira idade de viver*. Ele faz parte do grupo de idosos que não é “feio e decrépito”, do grupo dos “inteiraços”. Com isso não estou questionando a importância de se fazer esportes ou de se ter uma alimentação balanceada, mas o fato de parecer existir duas velhices opoentes: uma velhice saudável e uma velhice decrépita. Na busca por este corpo perfeito, no qual não há espaço para a gordura ou excessiva magreza, Vô Tetra ensina que o melhor remédio é seguir o seu exemplo:

Nós temos inteligência para decidir. Sabemos o que queremos. Podemos escolher. Escolher aonde ir, o que fazer, o que comer, como nos vestir, como ser... cada um pode escolher como ser... E você, Bruxabela, gosta de ser gorda? Quer continuar gorda assim a vida inteira? E mais, além de gorda, quer também ser doente? E daqui a pouco, quer ficar com a cara cheia de espinhas? E você, Bruxofred, quer continuar a ser fracote? O molenga da turma? Fica satisfeito quando ninguém o quer para os jogos? Está em suas mãos mudar isso, meu caro! Só você tem o poder de mudar isso! Você tem a força, é só saber usar! (Maria, 2005, p. 50 [Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra]).

Nas palavras do Vô Tetra, podemos observar que o corpo é tido como “[...] uma espécie de relíquia de que cada um dispõe e é coagido a cuidar e a proteger incessantemente” (Sant’anna, 2000, p. 57). O sujeito é responsabilizado o tempo todo pelo corpo e pela beleza que tem ou deixa de ter: “*Está em suas mãos mudar isso*”, diz Vô Tetra, “*podemos escolher*”, ou você “*gosta de ser gorda?*” e, “*além de gorda, doente?*”, continua ele. Ser gordo parece ser algo inaceitável, um problema a ser exterminado, um inimigo a ser combatido. É por isso que ele indica, para bruxos jovens e bruxos velhos, o autocontrole e a perspicácia. Na *Academia dos Bruxos Sarados*, por exemplo, é possível queimar “[...] muitas calorias extras com esforços pesados, de modo a manter o físico atlético” (Maria, 2005, p. 29). Talvez seja por isso que Vô Tetra faça parte do *Grupo Saudinvejável*, um grupo de bruxos que pesquisa fórmulas mágicas para melhorar a saúde. Em seus últimos experimentos, eles tentaram encontrar o elixir da longa vida, “[...] uma substância miraculosa, capaz de manter todo mundo jovem e de devolver a juventude e a jovialidade aos velhinhos. Uma espécie de vacina contra a velhice!” (Maria, 2005, p. 15). Sim, uma vacina para combater a velhice.

Podemos observar que, nesses discursos, as fronteiras entre saúde e beleza se borram. O corpo vive uma espécie de “ditadura” (Andrade, 2004) que, sob o nome de autocuidado, interpela-nos o tempo todo através de um número interminável de práticas e saberes que “[...] funcionam não como mera informação diletante, mas como uma pauta de comportamento e de controle da vida diária” (Fischer, 1994, p. 49). Ser saudável passa a significar não apenas “[...] estar longe da doença, e sim

ter um *superávit* de energia e vitalidade” (Sant’anna, 2000, p. 55), visível na imagem de um corpo dentro dos padrões de beleza e saúde. Só que, para o corpo envelhecido, esses padrões parecem ficar cada vez mais distantes, principalmente quando acometidos por doenças.

Fragilidade e Doença na Velhice

Uma das associações mais corriqueiras que se faz com a velhice é a de relacioná-la com um momento fisiologicamente frágil, suscetível ao surgimento de diferentes doenças e debilidades. De fato, algumas mudanças orgânicas ocorrem ao longo de nossa vida, sendo elas deletérias (fazem reduzir a funcionalidade), progressivas (estabelecem-se gradualmente), intrínsecas (não são resultantes de um componente ambiental modificável) e universais (os membros de uma mesma espécie apresentam essas características com o avanço da idade) (Jeckel-Neto; Cunha, 2006). Talvez seja por isso que mais da metade dos livros selecionados tragam representações de avós doentes, com alguma dificuldade física, com certas restrições ou em situações de morte⁷.

Era uma avó mais ou menos velhinha, mais ou menos gordinha, tinha o cabelo mais ou menos cinzento, e, *dia sim, dia não, dores nas costas que despontavam entre a segunda e a terceira costela, produzindo uma preguiça infinita* (Pinsky, 1999, p. 5 [Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante]).

– Mas, vô, o senhor tem que *tomar cuidado. Na sua idade...* (Trigo, 2004, p. 4 [Molecagens do vovô]).

Dentre os livros analisados, dois – *Minha avó tem Alzheimer* e *Quando vovó perdeu a memória* – abordam um quadro de doença mais estabelecido, sendo ambos oriundos de um comprometimento das faculdades mentais das idosas em questão. No primeiro livro, a família resolve acolher a avó em casa, arcando com o cuidado diário da mesma. No segundo, a avó é encaminhada pela família a uma casa de repouso, onde passa a viver com outros idosos.

Papai construiu um quarto extra pra ela, porque ela estava muito idosa para viver sozinha em seu apartamento. E também porque, à medida que envelhece, ela vai ficando, lentamente, cada vez mais diferente das outras pessoas. Papai disse que é por isso que ela agora precisa da gente (Mueller, 2006, p. 6 [Minha avó tem Alzheimer]).

Papai disse que era preciso, porque vovó *já não podia fazer sozinha as tarefas mais simples*, como se vestir e cozinhar, e na casa de repouso ela teria toda a ajuda necessária (Cytrynowicz, 2007, p. 3 [Quando vovó perdeu a memória]).

É possível notar, durante a leitura dos livros, uma adaptação da família à situação de doença. Esta parece ser mais intensa na família da

avó Ana, personagem de *Minha avó tem Alzheimer*, que precisa aprender a conviver não apenas com a presença da avó, mas com a sua própria doença, desencadeadora de uma sequência de novos acontecimentos. A neta relata que sua avó tem uma aparência igual a das outras avós, visto que a Doença de Alzheimer “não pode ser vista por fora” (Mueller, 2006, p. 10), mas que, no cotidiano, é possível percebê-la muito bem:

A gente nota que vovó está doente em muitas situações, principalmente porque *ela se esquece de tudo*. Ela se esquece, por exemplo, como se faz café. *Fica parada diante da cafeteira sem saber onde colocar a água*. Mas ainda sabe fazer café usando um coador, como se fazia antigamente (Mueller, 2006, p. 12 [*Minha avó tem Alzheimer*]).

[Na hora do jantar], *vimos minha avó babar a sopa pelo canto da boca*. Mas isso parecia não perturbá-la nem um pouco. Ela continuou deixando a sopa escorrer de sua boca. [...] É sempre assim. Às vezes ela simplesmente esquece como deve se comportar à mesa, embora um dia ela mesma tenha ensinado boas maneiras à minha mãe (Mueller, 2006, p. 25 [*Minha avó tem Alzheimer*]).

A neta aprende a conhecer melhor a avó e nutre uma relação de cuidado com ela. À noite, ao invés da avó contar histórias para ela dormir, é ela quem pula na sua cama para ler um livro, ressaltando aspectos positivos da sua velhice: “[...] *ninguém no mundo inteiro é melhor companhia do que minha avó para ler livros ilustrados!* Ela nunca tem pressa de mudar de página, coisa que meu pai sempre faz” (Mueller, 2006, p. 28). Já em *Minha avó perdeu a memória*, a relação mais enfocada não é a do neto com a avó doente, mas deste com o seu avô, que passa a morar em sua casa depois que a avó foi para uma instituição de longa permanência. Entretanto, é este avô que explica para o neto o que houve com a avó, assunto até então ocultado pela família, e o leva para visitá-la pela primeira vez. Nesta ocasião, o neto pede para que a avó lhe conte algumas histórias e fica admirado ao ver que ela não lembra dos fatos mais recentes, mas sabe contar as histórias antigas com uma impressionante riqueza de detalhes. Os dois netos não apenas cuidam de suas avós como descobrem nelas uma espécie de *recompensa* da doença: uma característica que as potencializa positivamente para outras atividades, como ler ou contar histórias.

A convivência com os avós permite que as crianças sejam introduzidas gradualmente ao processo de envelhecimento, que elas saibam não apenas o que significa nascer e crescer, mas como é se tornar velho e frágil (Keck; Saraceno, 2008). “Isso as inicia no sentido da vida”, diz-nos Dolto (1998, p. 187), na compreensão de que a vida segue o seu percurso e que o tempo deixa suas marcas sobre todos nós. Somos seres frágeis e finitos, e a doença e morte de um ente querido é um processo tão marcante para o grupo familiar quanto é o próprio nascimento.

“Abotoou o paletó de madeira”⁸

Assim como existe essa aproximação entre velhice e doença, que dá ao cotidiano dos idosos um maior ou menor grau de fragilidade e dependência, também existe uma aproximação entre velhice e morte em algumas das histórias analisadas. Tal aproximação não parece estar presente em nenhuma outra fase da vida. Esperamos a morte de uma pessoa idosa, mas não a de uma criança, adolescente ou adulto que goze de plena saúde. Podemos observar essa associação na explicação dada pela mãe de Heidi na obra *Por que vovó morreu?*, quando ela vai contar à filha a causa da morte da avó:

Muitas pessoas velhas estão preparadas para morrer. Elas não têm medo. Elas sabem que a morte faz parte da vida e que morrer é uma coisa natural. Sua avó teve uma vida longa e boa (Madler, 1988, p.17 [*Por que vovó morreu?*]).

Ou em *Meu avô e eu*, quando morre o companheiro de quarto do seu Joaquim, na instituição de longa permanência na qual eles viviam:

Os velhinhos eram assim mesmo... Uns vinham e ficavam até morrer feito passarinho, quietos, como esse que tinha acabado de ‘puxar o coringão’, como entre eles, enfermeiros, comentavam. Era só mais um... (Guimarães, 2000, p. 23 [*Meu avô e eu*]).

Justamente porque a velhice representa a última fase do ciclo vital é que ela parece caminhar acompanhada da morte. Como destaca Paiva (2008), os livros infantis que retratam temas delicados, como a morte, muitas vezes abordam essa temática por meio do decesso dos avós, “[...] indicando, de certa maneira, uma tendência de se privilegiar uma morte ‘natural’, já que são velhos e chegou a hora” de se despedirem (Paiva, 2008, p. 47). Essa mesma associação é encontrada no estudo de Wiseman (apud Mendes, 2013) sobre a morte na literatura infantil norte-americana. De acordo com a autora, os livros infantis que abordam esse tema normalmente retratam a morte de um personagem adulto, dos quais grande parte são avós.

Nas histórias analisadas, a morte dos avós é retratada por meio de diferentes graus de envolvimento dos netos. Em algumas situações, ela é vivenciada quando [1] o neto olha a fotografia de um avô que não conheceu, [2] quando é anunciado na história que o/a avô/ó é viúvo/a, ou [3] quando algum objeto da casa faz recordar a pessoa falecida:

Uma das minhas avós, a que era mãe da minha mãe, eu só conheci pelas fotografias, porque ela já havia ido morar no céu (Albissú, 2005, p. 5 [*Avós e Avós*]).

O piano sempre toca de saudade da vovó [...] Vovó não está aqui, ficou doente e foi embora (Azevedo, 2004, p. 7 e 10 [*A casa do meu avô*]).

Em outras, os netos presenciam esse acontecimento, encontrando o avô morto, como no caso de *Meu avô, um escriba*, ou participando do seu sepultamento, como no caso de *Por que vovó morreu?*:

Outro dia fui procurar meu avô no jardim. Dei uma olhada em volta e não o encontrei. Mas aí eu o vi, deitado no chão, com a cabeça sobre umas folhas de papiro. Na mão direita apertava uma pena de taquara. Virei seu rosto para mim. *E vi seus olhos bem abertos. Meu avô morreu* (Guelli, 1994, p. 22 [*Meu avô, um escriba*]).

Figura 19 – *Por que vovó morreu?*: a neta Heidi no enterro de sua avó



Fonte: Madler, 1988, p. 24-25 – Ilustração de Gwen Connolly.

A morte também é vivenciada de forma diferente pelos personagens, dependendo do grau e da intensidade do convívio, ou mesmo da crença de cada um. Heidi (*Por que vovó morreu?*) fica triste durante dias. A avó, que cuidava dela e do irmão menor depois da escola, faz muita falta para a menina. Já Tuta (*Meu avô, um escriba*) conta que sua família enterrou o avô no alto da montanha. Parado, olhando o horizonte, ele relata que colocou ao lado do corpo do avô seus grandes tesouros: “[...] algumas folhas de papiro, uma tabuleta de barro cozido, um pequeno estilete de ponta de ferro e uma pena de taquara” (Guelli, 1994, p. 22). O modo como o neto sepulta e vive o luto do seu avô está diretamente relacionado às crenças que Tuta um dia aprendeu com ele:

Uma vez, meu avô me contou que, quando morria um egípcio rico, ele era sepultado com suas joias. Assim, *em sua nova vida, poderia desfrutar do mesmo luxo que tinha quando estava vivo na terra* (Guelli, 1994, p. 22 [*Meu avô, um escriba*]).

Como nos lembra Elias (2001, p. 10), “a morte é um problema dos vivos” e é o seu conhecimento que cria indagações aos seres humanos. Ainda que os animais identifiquem a “morte-perigo” – o olhar de caça de outro animal, um barulho diferenciado em seu *habitat* ou um cheiro peculiar –, sabendo o momento em que precisam se defender para sal-

varem suas vidas, eles vivem sem a consciência da própria morte. Essa proteção à “morte-perigo” – ou o isolamento do animal prestes a morrer – acontece pelo instinto da espécie, que faz com que o indivíduo manifeste uma certa inteligência *espec(ie)ífica* – mas não individual – na busca da sua conservação (Morin, 1988). Já o ser humano, além de nascer fracamente dotado de instinto de sobrevivência, vive consciente da sua própria finitude, e esse conhecimento não é inato ou instintivo da espécie, ele é aprendido. “É somente por experiência que o homem sabe que tem de morrer”, afirma Morin (1988, p. 58). Só que a experiência da morte é um “[...] assombro sempre renovado, provocado pela consciência da [nossa] inelutabilidade” (Morin, 1988, p. 59) perante ela.

Frente à morte, condição *natural, universal e inevitável* (Torres, 1999) de todos os seres vivos, só nos resta a adaptação. E é na busca por essa adaptação que as crenças de cada um ganham força, na medida em que tentam explicar o percurso e os sentidos da vida. Nas histórias analisadas, podemos observar a elaboração de sentimentos em relação à morte que trazem à tona crenças que buscam ajudar as crianças a lidarem com a perda de seus avós. Em *Por que vovó morreu?*, o pai de Heidi comenta que “quando uma pessoa morre, nada pode trazê-la de volta” (Madler, 1988, p. 22), e que o choro ajuda a enfrentar a perda. Já em *Avôs e Avós*, o neto pergunta aos pais para onde sua avó foi. A mãe responde que ela foi para o céu e o pai responde que ela foi para debaixo da terra. O mesmo acontece em *A casa do meu avô*, quando respondem ao menino que a avó está no céu porque “gente boa quando morre vai diretinho pra lá” (Azevedo, 2004, p. 10). Silveira (2012), ao analisar as representações de velhice e morte em 14 obras da literatura infantil brasileira, também observa a utilização de explicações oriundas da tradição judaico-cristã, nas quais o avô falecido teria ido para o céu, virado estrela ou se transformado em anjo.

Nas histórias analisadas, o luto não é vivido apenas em relação ao avô falecido, mas às coisas mais sutis do convívio entre avós e netos. Ele está presente nas lembranças, nos cheiros, nas cores e no imaginário das histórias que eles contavam. A principal herança deixada pelos avós está nos ensinamentos e nas recordações que habitam a memória dos netos. “Eu tenho muitas lembranças da vovó”, diz Heidi, “por exemplo, quando ela me ensinava a fazer bichinhos de massa” (Madler, 1988, p. 28), continua a menina no diálogo com seu pai. Contudo, memórias são muitas vezes lembranças embaçadas e fugidias. Talvez seja por isso que em *Um avô e seu neto* vemos um neto que gostaria de ter o avô sempre ao seu lado, a lhe falar do passado, dos parentes longínquos e das mudanças da vida:

Quando um avô morre, esse mundo antigo morre com ele, assim como todos os cavalos, rios azuis, ruas de barro. Por isso eu, particularmente, acho que os avós nunca deveriam morrer (Murray, 2000, p. 6 [Um avô e seu neto]).

Os Avós e o Elo com o Passado

A relação dos avós com o passado e com esse *mundo antigo* descrito em *Um avô e seu neto* é uma característica presente em muitas das histórias analisadas. Existe uma preocupação dos autores em utilizar a experiência dos longos anos vividos pelos idosos como um elo de aprendizagem e troca entre as gerações. Ao idoso é dada a “função social de lembrar” (Bosi, 1994, p. 63), de ser o testemunho vivo da história, por meio do qual eles falam das transformações dos costumes e das cidades:

Passo horas ouvindo histórias e mais *histórias que vovô conta*. Ele disse que, *antigamente*, as moças derrubavam lençinhos pra chamar a atenção dos rapazes. [...] E *sonho com o passado dele* num voo sem fim... (Brandão, 2000, p. 11 [*O avô mágico*]).

[Naquela época] tirar um retrato, como se dizia, era um acontecimento; quase nunca nos fotografávamos. Até o terno era emprestado do fotógrafo. E sabe como se chamava o fotógrafo do parque? Lambe-lambe... (Cytrynowicz, 2007, p. 14 [*Quando vovô perdeu a memória*]).

Em *O aniversário da vovó*, Dona Fabíola, ao receber de presente da filha um exemplar da revista *A cigarra*, sobre o carnaval de 1936, olha as imagens e, com os olhos cheios de lágrimas, conta aos filhos e netos ali reunidos, histórias dos “[...] antigos carnavais, dos corsos na avenida Paulista e na Rua Rangel Pestana, dos carros enfeitados, dos confetes, das serpentinas, das fantasias, da alegria...” (Chianca; Chianca, 2002, p. 17). Dessa forma, ela resgata não apenas a sua história, mas o modo como as pessoas da sua época se divertiam e celebravam as festas. O livro traz um apêndice com imagens antigas, falando dos costumes de outras épocas. O mesmo acontece em *Vovó Luci*. No final do livro, há uma coletânea de imagens antigas contando sobre as escolas segmentadas por gênero, o uso do tinteiro, as novelas de rádio, as roupas de domingo, os brinquedos feitos à mão e as brincadeiras de rua.

A vovó Lia, de *Carta errante, avó atrapalhada, menina aniversariante*, enquanto escreve uma carta para a neta Luciana, conta para a menina, mesmo a quilômetros de distância, histórias dela e do seu avô. Uma das avós de *Avós e Avós* recita poesias antigas, tais como *Canção do exílio*, de Gonçalves Dias, e *Meus oito anos*, de Casimiro de Abreu, e canta músicas da sua infância: *Samba Lelê*, *Atirei o pau no gato* e *O pião entrou na roda*. Em *Um avô e seu neto*, o menino, após ouvir inúmeras histórias do seu avô, reflete:

Os avós sabem de muitas coisas. Os avós guardam a infância deles na memória. [...] *Eles viveram uma vida inteira... E quantas malas e armários poderiam encher com suas aventuras?* (Murray, 2000, p. 5 e 8, [*Um avô e seu neto*]).

É por eles terem vivido uma “vida inteira”, por poderem encher malas e armários com suas histórias, que eles são representados, em muitas situações, como sábios e experientes. Beauvoir lembra que “[...] nas sociedades humanas, a experiência e os conhecimentos acumulados [eram] um trunfo para o velho” (Beauvoir, 1990, p. 51). Ele podia ser o curandeiro da tribo, o conselheiro do grupo, o guia espiritual e religioso, o instrutor das gerações mais novas. Por todo conhecimento adquirido durante os anos, e por estar mais perto da morte, ele representava o mais hábil mediador entre este mundo e o outro. Alguns velhos eram inclusive temidos, principalmente por se acreditar que eles eram detentores de poderes mágicos: podiam ser bruxos e feiticeiros.

Essas representações também povoam as histórias infantis. O Vô Tetra (*Bruxabela, Bruxofred e os segredos do Vô Tetra*), por exemplo, é um bruxo quase milenar, possuidor de “[...] magias poderosíssimas, que nenhum outro bruxo do planeta era capaz de conceber” (Maria, 2005, p. 38). O avô de Tiquá (*O menino, seu avô e a árvore da vida*) era conhecedor dos segredos da floresta e da árvore da vida, que produzia uma substância capaz de curar muitas enfermidades. Já o Velho Bruno (*O menino que levou o mar para o avô*) e o Vovô Guilherme (*Vovô Guilherme e os pássaros*) eram respeitados pela grande sabedoria que possuíam:

O caso é que o Velho Bruno, como era conhecido, tinha sido grande pescador e, já aposentado, criara fama de contador de histórias. *Todos naquela vila de pescadores procuravam-no para ouvi-las e pedir conselhos sobre a profissão* (Miranda, 2007, p. 5 [*O menino que levou o mar para o avô*]).

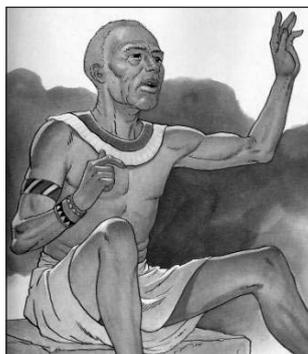
Numa cidade muito distante vivia um velhinho que todos chamavam de vovô Guilherme. Ele era muito bom e sempre disposto a ajudar os outros, e *todos o amavam e o respeitavam pela sua grande sabedoria* (Sartori, 2008, p. 2 [*Vovô Guilherme e os pássaros*]).

Figura 20 – *Bruxabela, Bruxofred e os segredos do Vô Tetra*: imagens que mostram a sabedoria dos mais velhos



Fonte: Maria, 2005, p. 46 – Ilustração de Rogério Borges.

Figura 21 – *Meu avô, um escriba*: imagens que mostram a sabedoria dos mais velhos



Fonte: Guelli, 1994, p. 6 – Ilustração de Rodval Matias.

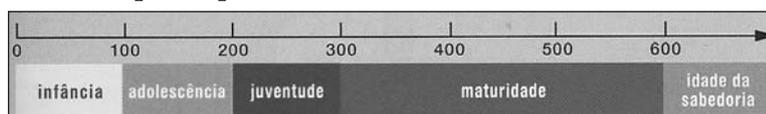
Figura 22 – *O menino, seu avô e a árvore da vida*: imagens que mostram a sabedoria dos mais velhos



Fonte: Bortolini, 2008, p. 16 – Ilustração de Márcia Franco.

Nas imagens acima, podemos observar os velhos representados em *posição de ensinamento*, aspecto representado principalmente por personagens masculinos. Nas duas primeiras ilustrações, eles erguem a mão ao falar, têm a *voz da verdade*. Já na terceira, vemos um idoso e seu neto diante de uma colina; ele segura um bastão, como um antigo profeta, e parece estar transmitindo ao pequeno seus conhecimentos sobre a natureza: “É que os avós, *com a experiência que têm*, adquirem a *sabedoria da vida*”, diz-nos o neto Tiquá, de *O menino, seu avô e a árvore da vida* (Bortolini, 2008, p. 4). Em *Bruxabela, Bruxofred e os segredos do Vô Tetra*, a velhice é inclusive nomeada como a *idade da sabedoria*:

Figura 23 – *Bruxabela, Bruxofred e os segredos do Vô Tetra*: a linha do tempo na qual a velhice seria a “idade da sabedoria”



Fonte: Maria, 2005, p. 19 – Ilustração de Rogério Borges.

Entrelaçando Histórias: abrindo o diálogo para novos questionamentos

Esse posicionamento do velho como sabedor e agente socializador das gerações mais novas tem sofrido algumas alterações na contemporaneidade. Se, por um lado, os idosos adquirem o conhecimento da experiência, ensinando aos seus netos as histórias de antigamente e os elos com o passado, por outro, os netos também socializam seus avós no uso das novas tecnologias, na atualização quanto às descobertas científicas ou no compartilhamento de formas de brincar e se divertir na atualidade (Ramos, 2011), assunto pouco problematizado nas histórias infantis analisadas. A relação entre avós e netos é uma relação mais coeducativa do que diretiva, na qual “[...] não se trata mais de supor a ação de uma geração sobre outra, [...] mas de considerar que avós e netos se reconstituem e se renovam como sujeitos no desdobrar deste convívio” (Oliveira, 2007, p. 7).

Por outro lado, os avós também estão mudando. A presença mais constante da quarta geração nas linhas genealógicas, assim como a nova imagem de avós, relativamente jovens (principalmente quando inseridos em uma perspectiva mais longa de vida), ainda bastante ativos, com melhores condições de saúde e maior qualidade de vida, faz com que o fenômeno da avosidade seja mais um fenômeno da *meia-idade* do que um fenômeno da velhice (Aldous, 1978) – ou, ao menos, mais dos velhos-jovens do que dos velhos-velhos –, deslocando para os bisavós a imagem que até pouco tempo *pertencia* aos avós (Dolto, 1998), quando, em detrimento de uma expectativa de vida mais curta, marcada por condições econômicas e de saúde mais precárias, tornar-se avô representava um evento situado no final do ciclo vital, fortemente associado à velhice e à morte. Todavia, nas histórias analisadas, ainda é bastante comum e resistente a imagem das avós com os cabelos completamente brancos, usando um coque no cabelo, fazendo crochê em frente à televisão ou embalando-se nas míticas cadeiras de balanço:

Figura 24 – Avós: a avó de cabelo branco, com coque no cabelo fazendo tricô



Fonte: Heras, 2003, p. 5 – Ilustração de Rosa Osuna.

Figura 25 – Meu avô é um problema: a avó com coque no cabelo



Fonte: Cole, 2005, p. 5.

Figura 26 – Vovô e o gênio: a avó de cabelos brancos, fazendo tricô enquanto assiste à televisão



Fonte: Alvim, 2002, p. 2 – Ilustração de Camila de Godoy Teixeira.

Figura 27 – Avôs e avós: a avó de cabelos brancos, com coque, usando xale e embalando-se na cadeira-de-balanço



Fonte: Albissú, 2005, p. 11 – Ilustração de Andréa Vilela e Mirella Spinelli.

Nas histórias analisadas, apenas duas avós se diferem das demais. A *Vovó Luci* (*Vovó Luci: no tempo dos nossos avós*), que aparenta ser uma avó mais nova, que gosta de mexer no computador, lutar caratê e é adjetivada como uma avó *cool* e *relax*, e a avó Esmeralda (*Tem um avô no meu quintal*), que, diferentemente das demais, possui um cabelo cor-de-rosa pink e é bastante irreverente. Ela inclusive possui um namorado na trama, o que fomenta reflexões sobre as relações familiares. Seria um contraponto interessante, se não fosse o fato de essas mesmas histórias fazerem uma espécie de apologia a *uma* forma de envelhecer. Quando Vovó Luci pergunta ao neto se ele pensa que ela viveu nas cavernas, que ela é uma “velha encarquilhada” (Clément, 2001, p. 15), ou quando a avó Esmeralda diz que ela não é velha, que “Velhinha é a vó!” (Martinelli, 2000, p. 6), vemos a circulação de uma imagem negativa da velhice. O neto justifica: “A vó Esmeralda *pode ser tudo, menos ‘velhinha’*, como alguns *mal-educados* às vezes falam. Ela tem uma disposição de dar inveja” (Martinelli, 2000, p. 8). Ou seja, ser velho parece ser uma ofensa, sendo sinônimo de encarquilhado, apático e indisposto. Do outro lado da balança, vemos a necessidade de renomear aquilo que tanto nos incomoda. A velhice vira, então, a *terceira idade*, a *melhor idade*, a *idade da sabedoria* ou da *segunda juventude*.

Recebido em 06 de março de 2014
Aprovado em 04 de setembro de 2014

Notas

- 1 A Editora Verbo Infantil, apesar de ser portuguesa, foi incluída nessa lista por comercializar livros para crianças no Brasil.
- 2 Importante destacar que esta categorização por temáticas é apenas uma forma de organizar e compreender quais são os aspectos mais enfocados nos livros selecionados. Muitos deles exploram diferentes situações e poderiam ser in-

cluídos em mais de um critério, principalmente quando possuem uma trama mais detalhada.

3 Todavia, o texto fará referência à data da edição utilizada para análise.

4 É o caso de: 10 (*Minha avó tem Alzheimer*), 11 (*Molecagens do vovô*), 13 (*O avô mágico*), 14 (*O menino que levou o mar para o avô*), 15 (*O menino, seu avô e a árvore da vida*) e 17 (*Quando vovó perdeu a memória*).

5 Muitos livros infantis não possuem paginação. De modo a contextualizar ao leitor de onde a citação foi retirada, foi feita uma paginação manual dos mesmos.

6 Quando as ilustrações não fizerem referência ao ilustrador é porque o autor do texto também é o autor da ilustração.

7 Obras: 1 (*A casa do meu avô*), 3 (*Avós*), 4 (*Avôs e Avós*), 5 (*Bruxabela, Bruxofred e os segredos de Vô Tetra*), 6 (*Carta errante, avô atrapalhada e menina aniversariante*), 7 (*Meu avô e eu*), 9 (*Meu avô, um escriba*), 10 (*Minha avó tem Alzheimer*), 11 (*Molecagens do vovô*), 14 (*O menino que levou o mar para o avô*), 15 (*O menino, seu avô e a árvore da vida*), 16 (*Por que vovó morreu?*), 17 (*Quando vovó perdeu a memória*), 19 (*Tem um avô no meu quintal*) e 20 (*Um avô e seu neto*).

8 Expressão retirada do livro *Meu avô e eu* (Guimarães, 2000, p. 24).

Referências

ALDOUS, Joan. Separate Residences. In: ALDOUS, Joan. **Family Careers: developmental change in families**. New York: John Wiley & Sons, 1978. P. 284-301.

ALVES, Andréa Moraes. Os Idosos, as Redes de Relações Sociais e as Relações Familiares. In: NERI, Anita Liberalesso (Org.). **Idosos no Brasil: vivências, desafios e expectativas na terceira idade**. São Paulo: SESC, 2007. P. 125-140.

ANDRADE, Sandra dos Santos. Mídia, Corpo e Educação: a ditadura do corpo perfeito. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (Org.). **Corpo, Gênero e Sexualidade**. Porto Alegre: Medição, 2004. P. 107-120.

ARAÚJO, Clara. Configurações Familiares, Conjugalidades e Relações de Poder: um panorama histórico. Palestra dada no curso de extensão *Gênero, Relações Familiares e Direitos: histórico e tendências*. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2008.

ARTMED EDITORA. Disponível em: <<http://www.grupoa.com.br/livros/literatura-infantil/vovo-teve-um-avc/9788536321271>>. Acesso em: 02 mar. 2013.

AZEVEDO, Ricardo. **Araújo e Ophélia**. 2. ed. São Paulo: Moderna, 2006 [1981].

BEAUVOIR, Simone de. **A Velhice**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990 [1970].

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BUTLER, Dori Hillestad. **Vovô teve um AVC**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

BUTLER, Robert; LEWIS, Myrna. **Sexo e Amor na Terceira Idade**. Tradução de Ibanez de Carvalho Filho. São Paulo: Summus, 1985.

CAMARANO, Ana Amélia. Família e Proteção Social para a População Idosa. In: VERAS, Renato; LOURENÇO, Roberto (Org.). **Formação Humana em Geriatria e Gerontologia: uma perspectiva interdisciplinar**. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ, 2006a. P. 45-48. CD-ROM.

- CAMARANO, Ana Amélia. Envelhecimento da População Brasileira: uma contribuição demográfica. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006b. P. 88-105.
- CARLOS, Sergio Antonio; JACQUES, Maria da Graça Correa; LARRATÊA, Sandra Vieira; HERÉDIA, Olga Collinet. Identidade, Aposentadoria e Terceira Idade. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 1, p. 77-88, 1999.
- DIAS, Vera. **O Avô de Margareth**. São Paulo: Lê, 1990.
- DOLTO, Françoise. Encontro com Françoise Dolto, autora de O caso Doménique. In: DOLTO, Françoise. **Os Caminhos da Educação**. São Paulo: Martins Fontes, 1998. P. 185-205.
- ELIAS, Norbert. **A Solidão dos Moribundos, seguido de Envelhecer e Morrer**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Capricho das Disciplinas. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 19, n. 2, p. 47-66, jul./dez. 1994.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. O Estatuto Pedagógico da Mídia. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 22, n. 2, p. 59-80, jul./dez. 1997.
- FREITAS, Elizabete Viana de. Demografia e Epidemiologia do Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Org.). **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. P. 19-38.
- FTD EDITORA. Disponível em: <<http://www.ftd.com.br/detalhes/?id=3193>>. Acesso em: 02 mar. 2013.
- GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Por uma Pedagogia Crítica da Representação. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; MOREIRA, Antonio Flávio (Org.). **Territórios Contestados**: o currículo e os novos mapas políticos e culturais. Petrópolis: Vozes, 1995. P. 144-158.
- HOOYMAN, Nancy R.; KIYAK, Havva Asuman. The Importance of Social Supports: family, friends, and neighbors. In: HOOYMAN, Nancy R.; KIYAK, Havva Asuman (Org.). **Social Gerontology**: a multidisciplinary perspective. 6. ed. London: Allyn and Bacon, 2001. P. 277-303.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Tempo, Trabalho e Afazeres Domésticos**: um estudo com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios de 2001 e 2005. Comunicação Social, 17 ago. 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 out. 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo de 2010**. Brasília: 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 23 out. 2013.
- JECKEL-NETO, Emilio Antonio; CUNHA, Gilson Luis da. Teorias Biológicas do Envelhecimento. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 13-22.
- KAERCHER, Gládis Elise Pereira da Silva; DALLA ZEN, Maria Isabel Habckost. O Que a Literatura Infantil Brasileira Contemporânea nos Conta sobre a Velhice?. In: V CICLO DE ESTUDOS EDUCAÇÃO E FILOSOFIA: tem jogo nesse campo?. 2009. Pelotas: Editora e Gráfica Universitária da UFPel, 2009. P. 1-10.
- KECK, Wolfgang; SARACENO, Chiara. Grandchildhood in Germany and Italy: an exploration. In: LEIRA, Arnlaug; SARACENO, Chiara (Org.). **Childhood**: changing contexts. United Kingdom: Emerald, 2008. P. 133-164.

- LIORET, Caterina. As Outras Idades ou as Idades do Outro. In: LARROSA, Jorge; PEREZ DE LARA, Nuria (Org.). **Imagens do Outro**. Petrópolis: Vozes, 1998. P. 13-23.
- MACHADO, Ana Maria. **A Velhinha Maluquete**. São Paulo: Moderna, 1998.
- MARTINS, Rodrigo. Salvadores da Pátria: os efeitos positivos da renda dos aposentados sobre a família e as cidades. **Revista Carta Capital**, 23 de maio de 2007, p. 20-24.
- MENDES, Teresa de Lurdes Frutuoso. A Morte dos Avós na Literatura Infantil: análise de três álbuns ilustrados. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 38, n. 4, p. 1113-1127, out./dez. 2013.
- MENEZES, Silvana de. **Cota, Maricota e Cotinha**: as três velhinhas. São Paulo: Cortez, 2006.
- MORIN, Edgar. **O Homem e a Morte**. Mem Martins: Publicações Europa-América, 1988.
- MUELLER, Dagmar. **Vovô Agora é Cavaleiro**. São Paulo: Scipione, 2009.
- OLIVEIRA, Paulo Salles de. Cultura e Coeducação de Gerações nas Classes Populares. In: CONGRESSO INTERNACIONAL COEDUCAÇÃO DE GERAÇÕES, 2007, São Paulo. 17 f.
- PACHECO, Jaime Lisandro; CARLOS, Sergio Antonio. Relações do Homem com o Trabalho e Processo de Aposentadoria. In: FREITAS, Elizabete Viana de et al. (Org.). **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. P. 1388-1393.
- PAIVA, Aparecida. A Produção Literária para Crianças: onipresença e ausência de temáticas. In: PAIVA, Aparecida; SOARES, Magda (Org.). **Literatura Infantil: políticas e concepções**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. P. 35-52.
- PETERSON, David A. Educational Gerontology: the state of the art. **Educational Gerontology: an international quarterly**, v. 1, p. 61-73, 1976.
- RAMOS, Anne Carolina. O Corpo-bagulho: ser velho na perspectiva das crianças. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, v. 34, n. 2, p. 239-260, maio/ago. 2009.
- RAMOS, Anne Carolina. **Meus Avós e Eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. Porto Alegre: UFRGS, 2011. 463 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. As Infinitas Descobertas do Corpo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 14, p. 235-249, 2000.
- SARACENO, Chiara. *Famiglia e invecchiamento*. Come cambiano i rapporti tra generazioni?. Entrevista dada em 03 jun. 2007, à 2ª edição do festival italiano da economia: "Capital humano, capital social", ocorrido em Trento.
- SARACENO, Chiara; NALDINI, Manuela. **Sociologia da Família**. 2. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2003.
- SCIPIONE EDITORA. Disponível em: <<http://www.scipione.com.br/SitePages/Obra.aspx?cdObra=3335>>. Acesso em: 02 mar. 2013.
- SILVEIRA, Rosa Hessel. Nas Tramas da Literatura Infantil: olhares sobre personagens "diferentes". Texto Digitado. 13 f. In: II SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INTERCULTURAL, GÊNERO E MOVIMENTOS SOCIAIS: Identidade, Diferença e Mediação, realizado na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

SILVEIRA, Rosa Hessel. Velhice e Morte na Literatura para Crianças: apontamentos sobre o que e como se ensina a elas. Texto digitado. 13 f. In: IX ANPED SUL: seminário de pesquisa em educação da região sul, realizado na Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2012.

TORRES, Wilma da Costa. Morte e desenvolvimento humano. In: PY, Ligia (Org.). **Finitude**: uma proposta para reflexão e prática em Gerontologia. Rio de Janeiro: NAU, 1999. P. 55-63.

VAN DEN ABEELE, Véronique. Vovó Tem Alzha... o Quê?. São Paulo: FTD, 2007.

ZIRALDO. **O Menino e seu Amigo**. São Paulo: Melhoramentos, 2005.

ZIRALDO. **Menina Nina**: duas razões para não chorar. São Paulo: Melhoramentos: 2005.

Fontes Primárias [obras literárias analisadas]

ALBISSÚ, Nelson. **Avôs e Avós**. Ilustrações de Andréa Vilela e Mirella Spinelli. São Paulo: Cortez, 2005.

ALVIM, Belete. **Vovô e o Gênio**. Ilustrações de Camila de Godoy Teixeira. São Paulo: Scipione, 2002.

AZEVEDO, Ricardo. **A Casa do meu Avô**. Ilustrações do autor. 7. impressão. São Paulo: Ática, 2004 [1998].

BORTOLINI, José. **O Menino, Seu Avô e a Árvore da Vida**. Ilustrações de Márcia Franco. 4. ed. São Paulo: Paulus, 2008 [1998].

BRANDÃO, Ana Lúcia. **O Avô Mágico**. Ilustrações de Naomy Kuroda. 3. ed. São Paulo: Scipione, 2000 [1993].

CHIANCA, Rosaly Braga; CHIANCA, Leonardo. Ilustrações de Célia Kofugi. 3. ed. **O Aniversário da Vovó**. São Paulo: Ática, 2002 [1997].

CLÉMENT, Claude. **Vovó Luci**: no tempo dos nossos avós. Ilustrações de Gwen Keraval. Tradução de Irami B. Silva. São Paulo: Scipione, 2001.

COLE, Babette. **Meu Avô é um Problema**. Ilustrações da autora. Tradução de Heloisa Jahn. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2005 [1996].

CYTRYNOWICZ, Roney. **Quando Vovó Perdeu a Memória**. Ilustrações de Andrea Ebert. São Paulo: SM, 2007.

DELAHAYE, Gilbert; MARLIER, Marcel. **Anita de Férias com os Avós**. Lisboa: Verbo Infantil, 2005 [1995].

FRANÇA, Mary; FRANÇA, Eliardo. **Tuca, Vovó e Guto**. Ilustrações de Eliardo França. 17. ed. São Paulo, Ática, 1999 [1978].

GUELLI, Oscar. **Meu Avô, um Escriba**. Ilustrações de Rodval Matias. São Paulo: Ática, 1994.

GUIMARÃES, Telma. **Meu Avô e Eu**. Ilustrações de Odilon Moraes. 2. ed. São Paulo: FTD, 2000.

HERAS, Chema. **Avós**. Ilustrações de Rosa Osuna. Tradução de Miriam Gabbai. São Paulo: Callis, 2003.

JOSÉ, Elias. **Visitas à Casa da Vovó**. Ilustrações de Rogério Coelho. São Paulo: Paulus, 2006.

MADLER, Trudy. **Por que Vovó Morreu?** Ilustrações de Gwen Connelly. Tradução de Fernanda Lopes de Almeida. São Paulo: Ática, 1988.

- MARIA, Luzia de. **Bruxabela, Bruxofred e os Segredos de Vô Tetra**. Ilustrações de Rogério Borges. São Paulo: Quinteto Editorial, 2005.
- MARTINELLI, Tânia Alexandre. **Tem um Avô no meu Quintal**. Ilustrações de Camila de Godoy Teixeira. São Paulo: Quinteto Editorial, 2000.
- MIRANDA, Eraldo. **O Menino que Levou o Mar para o Avô**. Ilustrações de Nilton Bueno. São Paulo: Cortez, 2007.
- MUELLER, Dagmar H. **Minha Avó tem Alzheimer**. Ilustrações de Verena Balhaus. Tradução e adaptação de Sâmia Rios. São Paulo: Scipione, 2006.
- MURRAY, Roseana. **Um Avô e seu Neto**. Ilustrações de Eduardo Albini. São Paulo: Moderna, 2000.
- PINSKY, Mirna. **Carta Errante, Avó Atrapalhada, Menina Aniversariante**. Ilustrações de Patricia Gwinner. 4. ed. São Paulo: FTD, 1999 [1994].
- SARTORI, Gloria. **Vovô Guilherme e os Pássaros**. Ilustrações de Salvatore Sciascia. Tradução de Valdir José de Castro. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008 [1993].
- TRIGO, Márcio. **Molecagens do Vovô**. Ilustrações de Alcy. 6. ed. São Paulo: Ática, 2004 [1995].

Anne Carolina Ramos é doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil) e pela Universidade de Siegen (Alemanha). Seu foco de estudo está voltado para as relações intergeracionais, desenvolvendo pesquisas que buscam compreender as interfaces entre infância, velhice, família e educação. É pesquisadora associada do Institute for Research and Innovation in Social Work, Social Pedagogy and Social Welfare (IRISS)/Integrative Research Unit on Social and Individual Development (INSIDE) da Universidade do Luxemburgo.
E-mail: annecarolina.ramos@uni.lu